



Revista Brasileira em Promoção da Saúde

ISSN: 1806-1222

rbps@unifor.br

Universidade de Fortaleza

Brasil

Braid Carvalho, Liana Maria
Educação física na escola: uma proposta de renovação
Revista Brasileira em Promoção da Saúde, vol. 16, núm. 2, 2003, pp. 54-58
Universidade de Fortaleza
Fortaleza-Ceará, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=40816210>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA: UMA PROPOSTA DE RENOVAÇÃO

Physical education in schools: a renewal proposal

Perspectivas e controvérsias

RESUMO

O texto discute a Educação Física praticada na escola, partindo de uma análise da sua origem e seu percurso ao longo da história do país. Salienta ainda, alguns indicativos de que, da crise gerada pelos questionamentos de paradigmas sobre os fins da disciplina e a visão de corpo que se tinha, pode estar surgindo das cinzas uma nova Educação Física.

Palavras-chave: Educação física, escola, visão de corpo.

Descritores: Educação física e treinamento; Escolas; Corporeidade; Exercícios; Aptidão física; Esportes

ABSTRACT

The text discusses physical education as practiced in mainstream schools, analyzing its origin and its pathway throughout the history of the country. It also raises some points about the crises generated by questioned paradigms about the end of this school subject as well as the way the body used to be regarded. In all, a new approach to physical education may be returning from the ashes.

Descriptors: Physical Education; Schools; Body image; Exercise; Physical fitness; Sports

Liana Maria Carvalho Braid ⁽¹⁾

¹⁾ Mestre em Educação e Especialista em Didática Aplicada em Educação Física - Universidade Federal do Ceará (UFC)
Professora da Universidade de Fortaleza - UNIFOR - CCS
(Curso de Educação Física).

INTRODUÇÃO

Enquanto elemento do currículo, a Educação Física, historicamente, tem assento na escola através de leis e decretos. A literatura indica ser este um dos motivos para uma das características que ela manteve por longo período de tempo, qual seja a de desenvolver a sua prática em função das necessidades do Estado.

Tomando como ponto de partida o exposto acima, este ensaio pretende desenvolver uma linha de discussão acerca de como vem se constituindo a Educação Física escolar ao longo do tempo histórico no Brasil, partindo do período colonial, até o que é considerado nos meios acadêmicos, como o tempo de rupturas quanto a paradigmas para esta área educacional – o período de pós-abertura política no país.

Nessa perspectiva de rupturas em nível muito mais teórico do que prático, há também uma outra intencionalidade para este trabalho, qual seja a de encaminhar algumas propostas que talvez auxiliem na minimização de um problema real para a Educação Física (além de outras disciplinas curriculares): a enorme distância entre o que se propõe teoricamente e o que realmente se concretiza em práticas pedagógicas.

A GÊNESE DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA

A Educação Física “nasceu” no século XIX em consequência das preocupações dos médicos higienistas com a alta taxa de mortalidade da população branca brasileira,

Recebido em: 14.03.2003
Revisado em: 01.04.2003
Aceito em: 10.06.2003

por falta de cuidados básicos de higiene. A obrigatoriedade da Educação Física foi, portanto, instituída com o objetivo de proporcionar atividades saudáveis que produzissem homens preparados para atividades intelectuais e mulheres prontas para gerar filhos fortes e cuidar da família. Essa função originada no berço do movimento higienista perdurou por todo o século XIX⁽¹⁾.

O século XX se inicia com a vida da sociedade brasileira consideravelmente alterada com a iminência da sedentarização provocada pela tecnologia emergente, principalmente os meios de transporte. Mas a Educação Física pouco mudou, pois o caráter utilitário característico do século passado continuou, na medida em que o seu objetivo na escola seria formar homens fortes para o bem da pátria. Enfatiza-se no decorrer desse século, três períodos: o estado novo, a ditadura militar e a pós-ditadura ou período de abertura política.

No período denominado de Estado Novo, a Educação Física continuou a servir como instrumento de ideologia do poder constituído, ganhando novos objetivos: o de voltar-se para o atendimento das necessidades de segurança nacional frente aos perigos internos (revoltas existentes no país) e externos (entrada do Brasil na 2ª guerra); e atender a demanda de mão de obra fisicamente adestrada e capacitada a assegurar o processo acelerado de industrialização implantado no país.

Com o fim do Estado Novo, iniciou-se uma série de discussões envolvendo como temática a *educação* e especificamente, houve um interesse acentuado pela Educação Física, enquanto elemento curricular. Como consequência dos debates surgiu a proposta de um novo enfoque para esta disciplina, qual seja o de integrá-la como disciplina educativa por excelência no âmbito da rede pública de ensino.

Chegou a época da ditadura militar e junto com esta, também, uma grande vontade do governo em incentivar a Educação Física e, principalmente, o esporte. Foi um período de massificação do esporte e grande divulgação dos “feitos” dos atletas de alto nível, transformados em “heróis da pátria”. A literatura histórica evidencia neste fato, um objetivo de atuação do desporto como “analgésico” no movimento social (1-3).

A ditadura foi pródiga em enaltecer a necessidade da prática da Educação Física em todos os níveis de ensino, sendo inclusive nesse período que instituiu a obrigatoriedade desta no Ensino Superior. Esta obrigatoriedade é analisada como uma tentativa de ocupação do tempo do estudante universitário, isolando-o de outros movimentos socialmente importantes para a época.

A última década do século XX se caracterizou como um período de muita discussão sobre a Educação Física.

Pesquisadores identificam uma crise de identidade pela negação de paradigmas existentes e ausência de novos que os substituíssem. Foi um período de busca de mudanças quanto a questões filosóficas e didático-metodológicas.

Em termos teóricos considera-se que neste início de século, estão sendo encaminhados para uma resolução, grandes dilemas paradigmáticos na área de Educação Física curricular, porém, no que se refere à sua prática ainda há longo caminho a ser percorrido⁽⁴⁾.

ANÁLISE DO PASSADO E PERSPECTIVAS PARA OUTROS CAMINHOS

Ao analisar a Educação Física contextualizada à história do país, percebe-se que de uma maneira bastante singular, ela sempre esteve a serviço da ideologia dominante, caracterizando-se como uma atividade alienante e elitista. Alienante ao excluir crianças e adolescentes (consideradas/os inaptas/os ou sem habilidades específicas) em nome do esporte de alto nível. Elitista pela forma como vem tratando o corpo do aluno, visto como objeto manipulável, o qual deveria ser enquadrado em padrões mínimos aceitáveis de rendimento.

Ainda hoje se pode observar alguns profissionais defendendo práticas pedagógicas de excesso físico e, preocupados unicamente em “formar” homens fortes e saudáveis - resquícios do higienismo do período colonial; ou preocupados com o disciplinamento mecânico - resquícios do militarismo do Estado Novo; ou com o adestramento, com a competição, com preocupações exacerbadas na competência do gesto técnico - resquícios do tecnicismo do período da ditadura militar.

Porém, observa-se também a busca e a preocupação de muitos profissionais em dar um sentido mais humano às práticas corporais. Já existem inúmeras pesquisas discutindo perspectivas para a prática pedagógica de uma Educação Física mais crítica que tenha um olhar sobre os corpos dos educandos diferenciado do paradigma mecânico e tecnicista (3,5-7).

O corpo pode ser analisado de vários ângulos. Primeiro, a partir dos estudos que procuram compreender o homem nas suas relações com o mundo. Piaget, o grande educador suíço, dá uma contribuição nesse sentido. Para ele, o desenvolvimento da criança e do jovem, está relacionado ao processo de construção de seu pensamento. E o pensamento lógico é atingido, após a elaboração das experiências sensoriais e motoras, as primeiras que a criança tem ao entrar em contato com a vida⁽⁸⁾. Assim, a experiência corporal é tomada com princípio básico, para o desenvolvimento da inteligência. Pensar e agir interligados, indissociáveis.

O psicólogo alemão Wilhem Reich⁽⁹⁾, mostra como o corpo está ligado a uma outra esfera da nossa existência: a emoção. De acordo com a bioenergética, a quantidade de energia que uma pessoa tem e como a usa, determinam o modo como responde às situações de vida. Obviamente, uma pessoa pode enfrentá-las de forma eficiente, se tiver mais energia passível de ser livremente traduzida em movimento e expressão. Nesse contexto, a emoção e a ação se interligam.

Um outro pensador, o teatrólogo brasileiro Augusto Boal⁽⁹⁾, tem mais uma contribuição à maneira de encarar o corpo em sua integração ao todo. Ele mostra que existe uma máscara social condicionando o comportamento do homem, máscara esta que determina que, cada um é o que é porque pertence a uma classe social, cumprindo determinadas funções sociais e com isso, desempenhando certos rituais tantas e tantas vezes, que por fim, as expressões, a maneira de andar, de pensar, rir e chorar, acabam por adquirir uma forma rígida, pré-estabelecida. Boal enfatiza a necessidade de romper a couraça muscular, pois esta é uma atitude padronizada por bloqueios de energia e pressões sociais, num trabalho de libertação e crescimento humano. Interliga-se aqui, o corpo à expressão, à forma de se *estar no mundo*.

Medina⁽²⁾ enfatiza que o ser humano não tem um corpo, antes é o seu corpo, com toda uma história de vida e dentro de todas as suas dimensões: energéticas, afetivas, culturais, psicomotoras e transcendentais. Deve-se, portanto, de forma global, buscar razões para justificar uma expressão legítima do homem, da manifestação do seu pensamento e da sua corporeidade, que, além de sensível e inteligível, é fruto da cultura.

PROPOSTAS PARA INOVAÇÕES NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

É imprescindível que o professor de Educação Física acredite que o conjunto de posturas e movimentos corporais é constituído de valores representativos de uma determinada sociedade, portanto, atuar no corpo, implica atuar na sociedade, na qual este corpo está inserido⁽⁸⁾.

Encaminhando essa discussão para o micro espaço social que é a escola e especificamente, o espaço das aulas de Educação Física, salienta-se que, atualmente, propõe-se como objeto de estudo para a Educação Física na escola a denominada *cultura corporal*. Por cultura corporal compreende-se todo um acervo de práticas corporais que ao longo do tempo o homem vem criando e modificando, conforme suas necessidades⁽¹⁰⁾.

E para discutir e pôr em prática na escola as diversas formas em que a cultura corporal se apresenta até o presente

momento (os jogos, as ginásticas, as danças, as lutas e os esportes), é necessário discutir alguns pressupostos.

Uma primeira afirmação que soa óbvia, é que a Educação Física escolar deve partir do acervo cultural dos alunos, porque os movimentos corporais que eles possuem, extrapolam a influência da escola, são culturais, portanto, têm significados específicos para diferentes grupos sociais. O professor necessita então, iniciar sua ação pedagógica partindo do acervo de conhecimentos e habilidades de seus alunos e ampliá-los.

Outra discussão sobre as práticas corporais na escola, remete a questões relativas às práticas esportivas. São práticas determinadas culturalmente, que podem fazer parte de um programa de Educação Física, enriquecendo, assim, o acervo cultural dos alunos. Entretanto, a aprendizagem dos gestos esportivos não deve se limitar aos movimentos padronizados ensinados pelo professor, mas devem contemplar a experiência dos alunos e incentivar a sua criatividade e capacidade de exploração.

Esta posição não é contrária à utilização das práticas esportivas nas aulas de Educação Física. Questiona-se tão somente que os movimentos esportivos não podem se tornar uma camisa-de-força que impeça os alunos de expressarem outros movimentos, frutos de histórias de vidas diferentes e de especificidades culturais diferentes.

Salienta-se ainda que, trabalhar com práticas corporais nas aulas de Educação Física, vai muito além de simplesmente ensinar as regras e técnicas próprias de cada tema da cultura corporal. É necessário acima de tudo, contextualizar essa prática à realidade a qual ela se encontra. Por exemplo, durante as aulas problematizar junto aos alunos algumas questões, tais como: quando esta prática corporal foi inventada e por quê? Como chegou ao Brasil? Qual a história de suas técnicas? Como elas podem ser modificadas?

A proposta citada será utopia? Será possível? Antes de tudo, há que se acreditar em possibilidades de mudanças. Para isto, é essencial querer, sentir que é necessário fazer algo, sob o perigo de não havendo transformação, apodrecer-se enquanto educador e ser humano. É possível cada um fazer a sua parte e para tanto, é essencial modificar paradigmas quanto aos objetivos da Educação Física e a função do professor de Educação Física.

Para determinar qual a função do Professor de Educação Física há a necessidade de uma definição quanto ao que realmente ele é: educador, técnico, instrutor, psicomotricista, professor de física?

Na escola, geralmente ele é visto ora como uma figura simpática, ora como uma figura rígida, alguns até o denominam um *turista* na escola, o qual cumpre a sua carga horária (ou

não) e vai embora. Não tem outro vínculo com o trabalho pedagógico geral da escola que vá além daquele momento da aula propriamente dita e invariavelmente, em consequência, só é lembrado para atividades extra-aula, quando em períodos de jogos esportivos, festas (“professor, é possível apresentar um número?”) e na famigerada “marcha” do sete de setembro.

Ainda hoje, pode-se constatar que alguns alunos chamam o seu professor de Educação Física de “professor de física”, denominação esta, que devido, principalmente a um tipo de prática, se torna historicamente correta, pois afinal por um longo período de tempo a Educação Física apenas adestrou corpos *físicos* até a exaustão na busca da melhoria da “raça”, do “homem forte que iria proteger a pátria”, e do “atleta herói!” Exagero? Nem tanto. Infelizmente ainda existem alguns profissionais defendendo práticas pedagógicas de excesso físico e com preocupações exageradas na perfeição de um gesto técnico, que só conseguem ver o ser humano como *máquina de resultados, de performance, de medalhas*.

Diante da realidade exposta, enfatiza-se a necessidade da modificação em práticas e posturas que não têm mais razão de existir. A título de considerações finais, serão apresentadas, portanto, algumas propostas, as quais poderão subsidiar inovações pedagógicas ao professor que atua na Educação Física escolar.

Considera-se que o educador da área de Educação Física escolar deve:

- Integrar-se aos outros elementos da equipe educativa para efetivamente participar na construção do projeto da escola;
- Suscitar entre os alunos momentos de debates, dando-lhes espaço para tomadas de decisões acerca do que fazer nas aulas, dando-lhes espaço para perceber realmente o que eles estão fazendo com seus corpos, quais as transformações que ocorrem nas diversas formas de se trabalhar o corpo ao longo do tempo, ou seja, promover espaços de discussão sobre o que se faz nas aulas de Educação Física e que uso pode ser dado às atividades corporais ao longo das suas vidas.
- Buscar respostas para os seguintes questionamentos:
 - a) Como são os corpos dos meus alunos?
 - b) O que eles podem fazer com esses corpos?
 - c) Quais atividades são significativas e prazerosas para eles?
 - d) Como ampliar as experiências corporais que os alunos já possuem?
 - e) Como trabalhar os movimentos sem padronizá-los, incentivando a criatividade e capacidade do aluno de explorar suas reais possibilidades corporais?

- f) Como desenvolver nos alunos uma cultura de prática de atividades corporais para toda a vida, na perspectiva de melhoria e manutenção da sua saúde?

Se esses aspectos forem objetos de reflexão para o professor e, em consequência, trabalhados com os alunos, poder-se-á ter como meta nas aulas de Educação Física, a contínua construção e reconstrução das práticas corporais pelo aluno e professor, ao invés da mera repetição de movimentos padronizados.

CONCLUSÃO

O leitor pode estar estranhando a quantidade de questões que foram levantadas neste ensaio, mas a mensagem que fica é justamente a de um espaço para uma profunda reflexão a respeito da prática da Educação Física na escola.

Reflexão esta que indique um caminho de renovação, a fim de que haja condições de, modificando a prática desta disciplina curricular, esta renasça a partir de uma nova visão acerca das atividades corporais na escola, mais crítica e mais humana.

Ressalta-se ainda a necessidade do professor de Educação Física perceber o alcance cultural de sua prática, pois assim, terá mais condições de realizar um trabalho competente e vislumbrar uma prática de Educação Física Escolar que leve à transformação da realidade, permitindo ao homem uma evolução em todos os aspectos, porque o homem, mais do que fruto, é agente de cultura.

REFERÊNCIAS

1. Castellani-Filho, L. Educação física no Brasil: a história que não se conta. Campinas: Papirus; 1988.
2. Medina JPS. A Educação física cuida do corpo... e “mente”: bases para a renovação e transformação da educação física. 7. ed. Campinas: Papirus; 1987.
3. Moreira WW, organizador. Educação física e esporte: perspectivas para o século XXI. Campinas: Papirus; 1993.
4. Darido SC. Educação física na escola: questões e reflexões. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2003.
5. Marco A de, organizador. Pensando a educação motora. Campinas: Papirus; 1995.
6. Bezerra EJ. O fazer docente de uma professora de educação física do ensino fundamental. In: XV Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste 2001; São Luis. Anais. [citado 2002 Nov 24]. Disponível em: URL: <http://www.epenn.ufm.br/anais/anais.htm>
7. Viana RNA. A Linguagem das danças populares nas aulas de educação física escolar. In: XV Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste 2001; São Luis. Anais. [citado 2002 Nov

- 24]. Disponível em: URL: <http://www.epenn.ufm.br/anais/anais.ht>
8. Freire JB. Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física. 3. ed. São Paulo: Scipione; 1992.
9. Brasil. Ministério da Educação e Cultura. Projeto RECRIANÇA: manual para o professor: educação física. Brasília, DF: MEC; 1987.

10. Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: educação física – 3º e 4º ciclos. Brasília: MEC/SEF;1998.

Endereço para correspondência:

Av. Washington Soares, 1321

Bairro Edson Queiroz

E-mail: lianabraid@unifor.br - lianabraid@bol.com.br